

Educação Impressa: Estratégia Presbiteriana de Educar por meio da Imprensa Protestante

Sandra Cristina da Silva e Maria Inês Sucupira Stamatto

Doutoranda em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN/Brasil, sandra_c_silva@yahoo.com.br

Pós-Doutora em Educação pela Université du Québec à Montreal (UQAM). Professora Associada II - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN/Brasil, stamattoines@gmail.com

* Trabalho financiado pela CAPES/MEC/Brasil

Resumo

A iniciativa norte-americana protestante levada a cabo no Brasil compunha-se por três eixos: Religião, Educação e Saúde. Além da evangelização, o “triângulo” era complementado pelas outras duas dimensões. Uma das estratégias recorrentes no Brasil foi a utilização dos impressos: livros, folhetos, revistas e jornais foram largamente utilizados como apoio à catequese e à educação. Esta investigação mostrará um pouco da atividade jornalística dos presbiterianos em solo brasileiro, utilizando os impressos por eles produzidos como fontes. Dentre estas receberá um olhar específico o jornal Norte Evangélico (Nordeste do Brasil) no que diz respeito à educação feminina: o que sugeria como adequado ou não. Esta investigação orienta-se teórica e metodologicamente pelos pressupostos da História Cultural. Novas abordagens, temáticas, sujeitos reaparecem como possibilidades diversas de investigação. Outros autores nos ajudaram na elaboração desta investigação, tais como Afonso (2006, 2008), Matos (1998, 2007), Nascimento (2007, 2008, 2009) e Oliveira (2009).

Palavras-Chave: Presbiterianismo – Impressos – Educação Feminina

Abstract

The American initiative Protestant carried out in Brazil consisted of three axes: Religion, Education and Health. Beyond of the evangelization, the "triangle" was complemented by the other two dimensions. One of the recurrent strategies in Brazil was the use of printed books, pamphlets, magazines and newspapers were widely used as support for catechesis and education. This research will show a bit of journalistic activity of Presbyterians in Brazilian soil, using the forms produced by them as sources. Among these will get a specific look the newspaper Norte Evangélico (Northeastern Brazil) with regard to female education: that proposed as appropriate or not. This research is guided by the theoretical and methodological assumptions of Cultural History. New approaches, thematic, subjects reappear as various research possibilities. Other authors helped in the preparation of this research as Afonso (2006, 2008), Matos (1998, 2007), Nascimento (2007, 2008, 2009) e Oliveira (2009).

Key-words: Presbyterianism - Printed - Female Education

Introdução

O projeto civilizador norte-americano protestante levado a cabo no Brasil era formado por três eixos: Religião, Educação e Saúde. Ou seja, para além da missão catequética, evangelística propriamente dita, o “triângulo” era complementado pelas outras duas dimensões. Foi, assim, lugar-comum o estabelecimento de hospitais (ou similares) e escolas (ou colégios) nos locais onde se estabelecia uma base presbiteriana. É preciso ressaltar que parte dos/as missionários/missionárias que para o Brasil se dirigiam possuíam formação secular: eram médicos, enfermeiras, professores/as etc. Por isso, a base triangular, Evangelização, Saúde e Educação, estabeleceu-se de pronto. Essas últimas dimensões foram, em grande parte, um locus de atuação feminina.

Uma das estratégias recorrentes entre esse grupo protestante, em suas incursões no Brasil, foi, sem dúvidas, o uso dos impressos: livros, opúsculos, revistas e jornais foram largamente utilizados com o intuito, muitas vezes, de serem complementários ao púlpito – espaço por excelência destinado à evangelização.

A investigação que ora se apresenta mostrará um pouco da atividade jornalística dos presbiterianos em solo brasileiro, mas destacará um dos impressos por eles produzidos - o jornal *Norte Evangélico*, editado em Pernambuco, Nordeste do país - identificando o seu direcionamento em relação à educação feminina (o que propunha como adequado, o que declinava).

Esta pesquisa orienta-se teórica e metodologicamente pelos pressupostos da História Cultural. Segundo Fonseca (2008), as mudanças do fazer histórico no final da década de 1930, com a publicação da *Revista dos Annales* e, posteriormente, com a História Cultural, tornou possível a pesquisa das diversas formas de educação.

No Brasil, a autora alega que, principalmente a partir da década de 1990, os estudos educacionais têm se diversificado bastante tanto nos objetos, fontes quanto nas formas de abordagem. Discussões importantes, mas não tão amplamente gestadas anteriormente – como a relação entre impressos protestantes e educação – tornam-se passíveis de investigação. Novas abordagens, temáticas, sujeitos – muitas vezes relegados anteriormente a um “esquecimento coletivo” - reaparecem como possibilidades diversas de investigação. A utilização dos impressos como fonte de pesquisa na historiografia da educação é relevante por possibilitar um olhar diferente sobre o campo educacional.

O objetivo principal deste trabalho é refletir a relação entre os impressos protestantes, de cunho presbiteriano, e a educação feminina pautada em um ideário civilizador norte-americano, pensando a imprensa confessional como um espaço educativo, sugestivo e intencional.

Observou-se a atividade literária presbiteriana no Brasil, com a fundação do primeiro jornal em 1864, *Imprensa Evangélica*, no Rio de Janeiro, até as primeiras décadas do século XX, momento em que surgiu o periódico específico sobre o qual nos deteremos mais atentamente. É também o período no qual se verificou o crescimento/estabelecimento da imprensa protestante e, conseqüentemente, a ampliação dos espaços dedicados à difusão de comportamentos desejados ou não para os seus seguidores. Essa mídia é, então, compreendida como espaço educativo, formador de indivíduos.

Imprensa Protestante: Aliada ou Imprescindível?

A relação do protestantismo com a palavra impressa foi, desde seus primórdios, uma constante. Sobre esse tema, Nascimento afirma: *A palavra impressa foi uma das estratégias utilizadas pela Reforma para divulgar a verdade registrada nas Escrituras Sagradas. Para Martinho Lutero, essa verdade precisava ser disseminada a um maior número de leitores.* (2002,p. 2).

No Brasil, a chegada dessa vertente do cristianismo, de cunho presbiteriano, trazida pelos norte-americanos, deu-se em 1859, ainda no Segundo Império. Essa relação com a palavra impressa também ali esteve presente. Em menos de quatro anos após sua chegada, vê-se surgir, em 1864, o primeiro periódico protestante do Brasil, em língua portuguesa. Essa iniciativa deveu-se aos presbiterianos da Missão Norte dos Estados Unidos, no Rio de Janeiro (passando em 1879 para São Paulo) que se chamou *Imprensa Evangélica* e circulou de 1864 a 1892, conforme nos conta Matos (2007, p. 45). Um ano após sua extinção foi fundado o jornal *O Estandarte*, como seu substituto (tornou-se a partir de 1903 o periódico oficial da Igreja Presbiteriana Independente, uma divisão da Igreja Presbiteriana do Brasil).

Era bastante comum, como veremos mais adiante, quando do fechamento de uma folha presbiteriana, o surgimento de outra – em um lugar próximo ou não – atribuindo a si mesma a substituição ou continuação da extinta. Pode parecer contraditório que, em um país como o Brasil

naquele momento, com uma massa enorme de analfabetos, *uma cultura da palavra impressa* pudesse se estabelecer, principalmente sendo uma *cultura* transplantada de outro país.

No entanto, Nascimento afirma que essa prática, o uso dos impressos, esteve atrelada à implantação e difusão desse ramo do protestantismo no Brasil.

Na trajetória do protestantismo no Brasil, a partir do século XIX, a palavra impressa acompanhou aquela nova proposta de cristianismo em suas diversas formas. Defendo a tese que a estratégia em distribuir impressos religiosos num país que tinha um alto índice de analfabetismo tenha funcionado como um estímulo para uma massa analfabeta que viu a possibilidade de ter acesso a uma literatura de leitura fácil, além da Bíblia em português, que geralmente era restrita aos clérigos católicos e publicada em latim. (2008a, pp.11-12).

É dessa autora a tese de que não foram as escolas anexas às igrejas, muito menos os colégios confessionais, os responsáveis pela difusão do protestantismo (em especial a vertente presbiteriana) no Brasil - diferentemente de muitos trabalhos anteriores de outros autores.

Teriam sido os *colportores* os responsáveis por essa difusão ao “constrangerem” de certa forma as missões a mandarem os missionários (e missionárias) que eram ao mesmo tempo ministros da Palavra e das primeiras letras, para que o povo pudesse ler tanto a *Bíblia* quanto os demais impressos vendidos anteriormente pelos mesmos colportores.

Nascimento conclui que *a existência de um espaço para diversos tipos de literatura e as estratégias de publicação, distribuição e utilização de impressos protestantes num país católico facilitaram a instalação de suas igrejas e escolas, corroborando em sua definitiva inserção no país* (2008a, p. 12).

Podemos ratificar a importância da imprensa no projeto presbiteriano levado a cabo no Brasil ao nos depararmos com a declaração de Ashbel Green Simonton, em 1867 (três anos após ajudar na fundação da *Imprensa Evangélica*): *Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que “se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia* (Simonton, s/d, s/p, citado por Matos, 2007, p. 51). Vale ressaltar que foi ele o responsável pelo estabelecimento do presbiterianismo em solo brasileiro.

Outros jornais se seguiram ao primeiro, de 1864, editados tanto pela Igreja Presbiteriana da Missão Norte (PCUSA) quanto pela Igreja Presbiteriana da Missão Sul (PCUS) dos Estados Unidos, de acordo com Matos (Op. Cit.). São eles: *O Púlpito Evangélico* (contou com 24 edições de janeiro de 1874 a dezembro de 1875 e, posteriormente foi restabelecido, como o mesmo nome, de 1888-1900, editado inicialmente em Campinas, depois em Lavras e, por fim, no Rio de Janeiro. Em 1901, teve seu nome alterado, passando a se chamar *O Presbiteriano*); *O Pregador Cristão* (1877-1887, RS), *O Evangelista* (01/1889 a 04/1893, Triângulo Mineiro). A partir de 1913 foi reeditado em Descalvado, SP. Sua distribuição era gratuita; *Salvação de Graça* (10/1875-1876, Lisboa/Recife), com duração de apenas um ano editado fora do Brasil; *O Pastor* (1893 - ? - Natal/RN), primeiro jornal presbiteriano do Nordeste; *O Século* (Natal/RN, 1895-1909); *Norte Evangélico* (substituto d' *O Século*, passa a ser editado em Garanhuns/PE a partir de 02/1909); *O Puritano* (06/1899-1958). Em 1958, houve a fusão deste com o *Norte Evangélico*, passando a se chamar *Brasil Presbiteriano*, que atualmente é o periódico oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. De periodicidade mensal, conta atualmente com versão impressa e online (o mais atual, junho/2012, exibe o n. 679 do ano 52).

Outras folhas, opúsculos, folhetos e periódicos, de um modo geral, foram lançados ainda no século XIX. Já no século XX, além destes, as revistas e os almanaques também passaram a fazer parte das publicações presbiterianas. Dentre estas merecem destaque duas que foram editadas na década de 1920: *Revista de Cultura Religiosa*, trimestral (1921 a 1926, Campinas e São Paulo) e a *Revista Lucerna* (06/1929 a ?), mensal e publicada em São Paulo. Essa publicação serviu como uma espécie de substituta à anterior, apesar de tratar de bem menos temas que sua antecessora.

As revistas possuíam uma caracterização diferente dos jornais. Enquanto estes eram voltados para um público mais simples, aquelas, de acordo com Matos *possuíam objetivos intelectuais e literários mais ambiciosos que os jornais, procurando atingir o público mais culto das igrejas e da sociedade em geral* (2007, p. 49).

A publicação de revistas, principalmente a partir da década de 1920, voltadas para um *público mais culto* pode sugerir um bom momento no qual o presbiterianismo já contava com 60 anos de presença no Brasil, além de ter sido nessa época que se verificou uma proliferação das escolas presbiterianas no Brasil, de acordo com Sellaro (1987).

A relação entre esses dois acontecimentos não é direta mas pode-se inferir que se complementam, pois, um “público” mais ilustrado, instruído, está mais apto a consumir um tipo de literatura específica – que é o caso das revistas e almanaques que naquele momento circulavam com maior frequência.

Outro tipo de publicação presente desde o século XIX e que se perpetuou no século seguinte foram os romances evangelísticos e as biografias de nomes que se destacaram no protestantismo no Brasil e no mundo. No entanto, pouco – ou quase nada – se escreveu sobre as mulheres – em especial as educadoras – peças fundamentais no processo de implantação do protestantismo de cunho presbiteriano.

É interessante, também, ressaltar, que a grande maioria dos escritos – e das obras de referência até hoje utilizadas - sobre o protestantismo de um modo geral, e o presbiterianismo, em particular, até meados da década de 1970, foram eminentemente de penas masculinas.

A partir de 1970, no Brasil, começam as pesquisas feitas por mulheres sobre o tema em tela. Acreditamos que isso ocorreu devido à crescente participação feminina na academia, a partir das décadas de 1960-70.

Participação Feminina nos Imprensa e na Educação Presbiteriana: Reflexões.

A participação feminina nos impressos presbiterianos é, no mínimo, discreta – para não se afirmar ínfima. Matos (2007) alega que são poucas as mulheres que colaboravam nos jornais, que traduziam livros e que os publicavam, pelo menos até meados do século XX.

Há registros de jornais editados por mulheres presbiterianas. Como exemplo, podemos citar o periódico *Pérolas da Infância*, publicação semanal dirigida às crianças e criada em 1921, por uma educadora americana de destaque no cenário pernambucano – Eliza Moore Reed. Essa publicação perdurou até meados de 1946, com aproximadamente 52 edições anuais (Nascimento, 1994) das quais até o presente não conseguimos localizar nenhum exemplar nos arquivos públicos ou confessionais, quer do Recife, quer de São Paulo/Brasil.

Matos (2004) também nos informa que a referida professora dedicou-se à literatura, a partir de 1916, após seu retorno dos Estados Unidos, traduzindo, adaptando ou escrevendo materiais

diversos, fosse para o trabalho feminino – que ajudou a organizar – ou para outros fins religiosos – e educativos.

Apesar de podermos verificar que a participação das mulheres nos impressos confessionais presbiterianos – seja como escritoras, periodistas ou tradutoras – era discreta, como citamos anteriormente, não se pode afirmar que era inexistente. Parece-nos tratar-se mais de uma lacuna de pesquisa ou até da pouca visibilidade, nos impressos, dos elementos femininos.

Por diversas vezes encontramos artigos publicados nos jornais, por exemplo, cujos autores/as não eram identificados. Em alguns deles havia iniciais, pseudônimos ou simplesmente eram exibidos anonimamente. Esse fato, a nosso ver, dificulta bastante a identificação – ou constatação da não participação – do elemento feminino.

Sabemos que o tripé no qual se sustentava o projeto civilizador presbiteriano e norte-americano - Religião, Educação e Saúde – concedeu um lugar de relevância aos educadores: eram eles fundamentais nesse processo. Fez parte do modo de agir presbiteriano legar parte do cuidado com a educação às mulheres, sendo muitas delas parentas dos missionários enviados à evangelização – ou seja, irmãs, cunhadas, esposas – mas, em grande parte, com formação específica no seu país de origem – Estados Unidos.

No entanto, mesmo sabendo da importância das instituições educativas nesse processo entendemos que, no que se refere à Educação Presbiteriana no Brasil, a escola não foi o único espaço utilizado. É correto afirmar que os colégios tiveram uma participação importante na expansão do protestantismo. No entanto, atendiam a demandas específicas - da mesma maneira que as instituições mais simples construídas ao lado das igrejas.

Compreendemos que formar mulheres não era uma tarefa simples, considerando os insistentes apelos da “modernidade” que, muitas vezes, eram vistos como negativos do ponto de vista de alguns religiosos. O modo de ser protestante era difundido também em outros espaços, como nos impressos. Ainda de acordo com Nascimento *os impressos são dispositivos através dos quais os indivíduos visam impor determinadas representações do grupo social em que se encontram inseridos* (2008a, p.5).

Foram essas características que identificamos nos impressos analisados. Não se trata de um tema tão largamente difundido ou pesquisado tornando este trabalho relevante para a História da Educação no Brasil, pois segundo Nascimento *o interesse pela investigação da utilização da estratégia de difusão de impressos protestantes para a implantação de novas práticas religiosas e educacionais é quase inexistente, diferentemente do que ocorre em Portugal* (2008a, p.8).

No caso português, no entanto, sabemos de trabalhos importantes como os de Afonso (2006, 2008) e Silva (1995, 2005), com os quais buscamos travar diálogos em outras publicações.

Sendo assim, utilizar os impressos como fonte de pesquisa na historiografia da educação é relevante, pois a partir deles identifica-se a possibilidade de se desvelar o campo educacional em dimensões variadas.

Na nossa pesquisa, no entanto, detivemo-nos a examinar a imprensa periódica confessionnal – presbiteriana – a fim de identificarmos modos de educar próprios de uma parcela do protestantismo. Não se trata de privilegiar um grupo em detrimento de outro e sim de perceber particularidades dentro de vertentes similares de um mesmo cristianismo.

Em trabalho anteriormente publicado Silva (2009) buscamos o diálogo entre as vertentes batista e presbiteriana, tanto na imprensa confessionnal em si como nos prospectos de instituições educativas

centenárias fundadas no Recife/Brasil, no início do século XX – 1906 e 1904, respectivamente - e que até os dias atuais subsistiam contando, de certa forma, com suas orientações cristãs iniciais.

Lendo homens, Interpretando mulheres: O consentido e o negado ao Elemento Feminino na Imprensa Confessional Presbiteriana.

O periódico sobre o qual trataremos um olhar mais específico é o *Norte Evangélico*, o qual foi editado inicialmente em Garanhuns, cidade distante 230 km da capital, Recife, mas que durante muitos anos foi um importante centro de difusão do protestantismo de cunho presbiteriano. A referida cidade recebeu, ainda no século XIX, uma escola presbiteriana, que funciona até hoje, e já no século passado, um Instituto Bíblico da mesma denominação cristã. Posteriormente, o jornal passou a ser editado no Recife.

O acesso às fontes deu-se no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN/Recife) e no Arquivo Histórico Presbiteriano (São Paulo). O recorte temporal engloba a década de 1920. As edições pesquisadas referem-se aos anos de 1921, 1923, 1926 e 1929. O referido periódico era impresso em formato 50x31, com quatro páginas, com uma tiragem aproximada de 2000 exemplares.

Para se firmar como alternativa viável, o presbiterianismo – e demais iniciativas protestantes – utilizaram amplamente a estratégia de criticar, explicitamente, o catolicismo – “inimigo crucial” – e tudo que a ele fizesse referência.

Como exemplo, podemos observar o que expressa o *Norte Evangélico* acerca da educação católica em detrimento à protestante:

A ação católica no Brasil, como em toda parte do mundo, tem sido inteiramente falha na educação popular, ocupando-se exclusivamente das classes superiores. E na luta conta o analfabetismo em todos os estados do Brasil, é preciso por em ação todas as forças sociais. (...) O povo brasileiro é, entre os povos de origem europeia, o mais ignorante de todos, aquele em que menos atenção se presta ao assunto, aquele em que menor número de escolas existe. (...) O catolicismo tem, além disso, uma grande falta a reparar em matéria de ensino. O catolicismo é um fenômeno paralelo ao analfabetismo. Com exceção da França, em todos os países onde domina o catolicismo sem contraste o analfabetismo é intenso (Norte Evangélico, 15 de outubro de 1921, p. 3).

Esse trecho nos ajuda a entender o papel da imprensa como meio educativo, como *púlpito* impresso, espaço para divulgação de ideias, do permitido e do negado.

No que se refere ao papel da mulher, de acordo com a investigação empreendida, havia um reforço de sua participação no lar – como esposa e mãe -, na escola e na igreja – como educadora -, preterindo os demais espaços nos quais elas se aventurassem, numa expressa crítica ao mercado de trabalho – em outras frentes – que se apresentava. Vejamos o que nos mostra o periódico em tela:

De alguns eu merecia a pecha de atrasado por expor que a missão da mulher se me afigura mais bela no lar, na escola e na igreja, quando a ideia geralmente aceita é que ela na sociedade, em todos os misteres da vida, deve ser tal qual o homem. (...). A escola e a igreja são um complemento do lar. Nesta e naquela aperfeiçoa o homem os conhecimentos que adquiriu no lar e entra para a sociedade capaz de se opor aos tremendos vagalhões que encontramos na derrota através do mar da vida. No lar (...) tornou-se a mulher purificadora de seus sentimentos, (...) educadora das gerações, (...) porque a criança que meigamente hoje aconchega ao colo é o cidadão a quem o povo amanhã confiará seu destino (Norte Evangélico, 12 de abril de 1921, p. 5).

O reforço ao papel de educadora – o que deixava implícita a noção de “modelo a ser seguido” – era uma constante nas publicações. Em edições anteriores à supracitada, no decorrer do mês de março e abril de 1921, houve diversas homenagens póstumas a uma professora, D. Anna Soares Cortez, falecida em 20.03.1921, no Ceará, com apenas 29 anos de idade, em decorrência de um parto - eram recorrentes notícias desse tipo nos jornais da época. Além de professora, foi diretora do Colégio 7 de Setembro, em Fortaleza.

Como exemplo, citaremos uma das homenagens à mesma, do qual extraímos o seguinte trecho: *voou aos braços do Salvador (...) verdadeira ajudadora (...). (...) cheia de serviços ao Mestre, mãe de família exemplar e excelente educadora, D. Anna Cortez despendeu grande parte de seus preciosos dias de sua mocidade educando os filhos alheios. (Norte Evangélico, 22 de abril 1921, p. 2).*

Sob o título “Necrológicos”, outra edição do jornal publica sobre outra professora, desta vez do Estado de São Paulo (Escola Americana), que atendia pelo nome Luiza Pereira de Magalhães.

Consagrou o melhor de suas energias quer como professora (...), quer como esposa desvelada e mãe afetuosa (...) Escritora que era, deixou o seu nome arrolado no O Estandarte de cujas colunas se serviu para transmitir aos muitos leitores daquele semanário sabias lições de ordem sociológica, moral e religiosa. (Norte Evangélico, 20 de setembro de 1921, p. 3).

A inferência que fazemos de ambos os textos é que havia uma relação direta entre ser esposa/mãe e professora, sugerindo que para exercer essa profissão com diligência, fazia-se necessário ser uma “*mãe de família exemplar*”. Ao utilizar a expressão “*educar os filhos alheios*” o autor do primeiro texto postula que a referida educadora não pôde, infelizmente, educar os seus.

Há de se ter atenção, nesse caso, à referência que o texto faz à contribuição que a professora deixa, como escritora, nas páginas do *Estandarte* (jornal oficial da Igreja Presbiteriana Independente, como já citamos anteriormente). Pistas como essa os ajudam a forjar a ideia de que talvez a participação do elemento feminino nos impressos confessionais presbiterianos não tenha sido de todo minúscula: talvez investigações mais específicas, minuciosas, possam trazer à luz informações relevantes.

Um apelo chamou-nos a atenção. Tratou-se do Centro Brasileiro de Publicidade, no Rio de Janeiro, que solicitava a remessa de um exemplar de todas as publicações de cunho evangélico, pois, assim, seria possível se ter *uma fonte segura e completa de informações de todo o movimento literário cristão no Brasil* (Norte Evangélico, 31 de janeiro de 1921, p. 1).

Compreendemos que pode haver existido uma intenção explícita de preservação exposta na citação anterior, mesmo que talvez não houvesse uma preocupação histórica, de preservação. No

entanto, sugere um cuidado com as publicações cristãs, a fim de que se pudesse ter de um modo mais preciso informações sobre o desenvolvimento literário evangélico no país. No entanto, é preciso constatar que esse cuidado, infelizmente, não foi continuado ao longo do tempo e, sem dúvida, dificulta o trabalho do pesquisador que investiga temas relativos, por exemplo, ao protestantismo no Brasil, sob uma perspectiva histórica, principalmente com fontes impressas. É preciso empreender um grande esforço para localizar documentos, manuseá-los, uma vez que muitos não se encontram em bom estado de conservação.

Em 15.08.1929, o *Norte Evangélico* faz uma edição em homenagem aos 25 anos da escola presbiteriana do Recife – o Colégio Agnes. Há uma nota de um professor manifestando sua opinião sobre as professoras do mesmo, na qual ele atesta que *com dedicação de mães se tem entregue ao cultivo moral e intelectual das brasileiras, usando dos mais modernos processos educativos* (*Norte Evangélico*, 15 de agosto de 1929, p. 9).

Mais uma vez há o reforço da díade esposa-mãe como se uma fosse a extensão ou o complemento da outra.

Porém, nas páginas do mesmo jornal nem sempre havia a exaltação da mulher como educadora, boa mãe, esposa exemplar. O interdito aparecia sob várias formas. Dentre elas destacamos a crítica ao que a modernidade trazia de *nefasto*. Desaprovada por uma parcela considerável, os apelos da *moda* recebem o seguinte comentário:

A moda atual não é outra coisa se não a ostentação da carne na exibição das formas corporais das meninas, moças e até senhoras mais ou menos avançadas em idade. As saias estão de tal maneira encurtadas e as blusas que os próprios incrédulos que ainda guardam respeito à moral estão protestando contra semelhante costume (*Norte Evangélico*, 15 de agosto de 1929, p. 12).

Por *incrédulos*, citados no trecho acima, são nomeados os não protestantes (fossem católicos ou não). Dessa forma, o autor do texto alega que mesmo os que não professam a mesma fé, estão contra esse tipo de *exibição*, complementando que não apenas as jovens mas, também, algumas senhoras estão a fazê-lo. E continua:

Mães desnaturadas existem que se esforçam para matar o pudor das suas filhinhas, desde a mais tenra idade, acostumando-as a usarem vestidos muito acima dos joelhos e a terem prazer em mostrar a forma do seu corpo e isso conseguem facilmente porque a natureza humana é sempre propensa para o mal mas, lembrem-se essas mães, que elas responderão pelo futuro daqueles entes cujos pés estão colocando no caminho da perdição. (*Norte Evangélico*, *Idem*).

Além da crítica propriamente dita aos “apelos da moda”, há um reforço ao papel das genitoras, chamadas aqui de “mães desnaturadas”, ou seja, sem a inclinação natural de zelar pela moral das filhas. Acresce a isso, a penalidade – talvez espiritual – que, no futuro, padecerem por não terem, em tempo oportuno, evitado que suas filhas se dirigissem ao “caminho da perdição”.

Por fim o artigo conclui que *além dos exageros da moda vem ainda o abuso das tintas para o rosto como grave sacrifício da pele, pseudocolírios para os olhos* (*Norte Evangélico*, 25 de março de 1923, p. 12).

Na verdade, o artigo citado fazia parte de uma série intitulada *Males a combater* publicada no mesmo periódico em outras datas. O título específico desse escrito é, no mínimo, sugestivo. De

pronto faz um apelo àquela que é considerada – e que deve encarnar – um modelo adequado de comportamento e conduta. Assim, um dos *Males a combater* era, justamente, a acentuada *degeneração dos costumes*. E, sem dúvida, uma das maiores aliadas nessa empreitada era a genitora, reforçando a ideia do papel *natural* da mãe – e, evidentemente – chamando-a à responsabilidade na criação das filhas.

É um tema, a nosso ver, muito peculiar e que, provavelmente, causava impacto negativo sobre aquelas que fugiam da norma, pois, alguns anos depois, o mesmo jornal volta a trazer críticas acerca da moda:

Monstro voraz e hiante, tragador de pecúlios, de fortunas, de honras e reputações, a Moda – flagelo universal - insinuando-se nos lares, profanando as alcovas virgens, ultrajando os cabelos brancos, acabará por estabelecer um carnaval perpétuo onde o lúbrico olhar dos libertinos saciará a sua concupiscência sobre o colo nu das mulheres impudicas que, desavergonhadamente, sem respeito à religião, à família ou à própria sociedade vão todos os dias decotando mais os lúcidos vestidos, excluindo as mangas, levantando a saia à altura do jarrete erguidas sobre sapatos de salto himalaicos (Norte Evangélico, 02 de janeiro, 1926, p. 3).

Ao trazer o verbete *Moda* com letra maiúscula o texto dá uma ênfase ao assunto. No decorrer do texto, o termo *moda* alcança a personificação: é como se fosse um ser com vida própria a *profanar* espaços, *ultrajar* e *estabelecer-se* sem permitir resistência àquelas que são seduzidas.

Em continuação, o texto sugere a permanência dos lugares até então dispostos para o elemento feminino:

Talhada para a nobre missão de esposa e mãe, para exemplo de virtude e pudor, é uma vergonha que a mulher hodierna esqueça rapidamente tão alto mister para entregar-se ao capricho satânico de algumas modistas de Paris ou, desprezando o natural recato, lançar-se ao redemoinho erótico de um tango, entre braços lascivos. Raras, raríssimas atualmente são as senhoras que vestem com simplicidade e modéstia. A degradante Megera – a corruptora Moda tem um tal poder fascinador que chega a insensibilizar suas vítimas minando-as a ponto de torná-las vis e miseráveis escravas. (...). Os trajés de banho são uma vergonha, os figurinos um escândalo, os sapatos, um horror. (...) Cumpram as mães de família o seu dever., afastando do mundo pervertido suas filhinhas e —não seja o adorno destas o exterior enfeite dos cabelos ripados, os as guarnições de renda de ouro, ou a gala da compostura dos vestidos (I Pe. 3:3) se querem ser felizes nesta e na outra vida (Norte Evangélico, Idem).

Nesta última parte do artigo o sentido personificado da moda ganha contornos ainda mais acentuados, evidenciando que as pessoas atraídas pela *degradante Megera* muitas vezes não conseguiam se libertar, pois ela [a moda] teria um poder fascinador que chega a insensibilizar suas vítimas dominando-as a ponto de torná-las *vis e miseráveis escravas*.

Sugere-se, mais uma vez, à mulher, que o seu dever é ter a *nobre missão de esposa e mãe, exemplo de virtude e pudor*. Dessa forma, cabe a ela educar sua filha para que esta se mantenha longe do *mundo pervertido*. E o autor conclui sua ideia pontuando que *Cumpram as mães de família o seu dever*, alegando que disso depende a felicidade delas *nesta e na outra vida*, dando um caráter metafísico a sua atuação.

Considerações Finais: Para não Concluir

Nosso intuito, na investigação que por ora se encerra, foi mostrar um pouco da atividade literária dos presbiterianos no Brasil, mostrando parte dos impressos dos quais os mesmos tornaram-se autores e refletindo sobre a importância desse tipo de publicação também como elemento educativo, de forja de procedimentos adequados e de críticas aos não indicados.

Em continuação, optamos por um dos impressos, o jornal *Norte Evangélico* – por ser presbiteriano e editado em Pernambuco, nordeste do país, lócus de nossa pesquisa macro – destacando algumas passagens – escrita por homens – nas quais alguns comportamentos femininos recebem aprovação e outros não.

Depreende-se, então, que as publicações confessionais protestantes falavam dessas mulheres, tanto das donas de casa, das mães, quanto das educadoras e das mulheres de um modo geral, ajudando a forjar tipos, representações que serviriam de modelos (ou não) para o elemento protestante feminino como um todo.

Tratou-se, nesta investigação, de um recorte espaço-temporal, de uma vertente específica do cristianismo protestante – o presbiterianismo – e da escolha de uma fonte – os impressos presbiterianos, em particular o jornal *Norte Evangélico*.

Portanto, não há verdades fechadas, definitivas. Sabemos que nos apercebemos apenas de um olhar, sob uma teoria a fim de ‘fazer perguntas’ às fontes. Não se trata de esgotar, encerrar ou limitar o tema. Nossa proposta é justamente o contrário: gerar debates, retorno às fontes, constatações ou refutações que gerem novas discussões, novas buscas.

É estabelecendo relações, teses e antíteses, que o conhecimento científico se firma.

Bibliografia

- Afonso, J. A., & Silva, A. M. (2008). Momentos da imprensa infanto-juvenil protestante em Portugal: O Amigo da Infância (1873-1940) e o Raio de Sol (1925-1951). In Castillo Gomes, Antonio (Dir.), & Sierra Blas, Verónica (ed.). *Mis primeros Pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (ss. XIX-XX)*. (pp 15-25). Gijón: Trea.
- Afonso, J. A. (2009). *Protestantismo e Educação. História de um projeto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX*. Braga: Universidade do Minho.
- Chartier, Roger. (1990). *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa: Difel.
- Fonseca, Thais N. de Lima. (2008). História da Educação e História Cultural. In Fonseca, Thais Nívia de Lima., & Veiga, Cyntia Greive. (Orgs.) *História e Historiografia da Educação no Brasil*. pp 45-63. Belo Horizonte: Autêntica.
- Matos, Alderi Souza. (2004). *Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Site da Igreja Presbiteriana do Brasil. Recuperado em 30 de março de 2012 de http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php?id=24.
- Matos, Alderi Souza. (2007). A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. In *Fides Reformata* V. XII, Nº 2, pp. 43-62. São Paulo: Mackenzie.
- Nascimento, Ester Fraga V. C. do. (2002). A Palavra Impressa como estratégia de difusão do Protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 Do Século XIX. In *II Congresso Brasileiro de História da Educação*. Natal: UFRN.
- Nascimento, Ester Fraga V. C. do. (2008a). Brasil e Portugal: circulação de impressos protestantes. In *VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: cultura escolar, migrações e cidadania*. Porto: Universidade do Porto.
- Nascimento, Ester Fraga V. C. do. (2008b). *Fontes para a História da Educação: Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos do Brasil*. Maceió: EDUFAL.
- Nascimento, Luiz do (1994). *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Vol. XII. Recife: Editora Universitária/UFPE.

- Silva, Antonio Manuel S. P., (1995) Dos prelos como instrumento de missão. A «Boa Imprensa» e a imprensa protestante no último quartel do séc. XIX. In Silva, Antonio Manuel S. P., & Dias, Jaime Amadeu (Coord.), *Vila Nova de Gaia de há cem anos. Colóquio Comemorativo do Centenário da Igreja do Torne*. (pp. 97-130). Actas. Gaia: Junta Paroquial de S. João Evangelista.
- Silva, Antonio Manuel S. P., (2005). A Reforma, o primeiro jornal evangélico português, *Revista de Portugal*, n. 2, pp. 60-71.
- Silva, Sandra C. da. (2009). *Educação de Papel: a Imprensa Protestante Educando Mulheres*. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.